

II.6. Saperi in transito: Arcadie di periferie (Arcadia lusitana e ultramarina)

Testo 6.5 **Tomás António Gonzaga, [Satire arcadiche del potere] da *Cartas Chilenas di* (1789) in *A Poesia dos Incofidentes*, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1966, pp. 686-687.**

DEDICATÓRIA AOS GRANDES DE PORTUGAL

Il^{mos} e Ex^{mos} Senhores.

Apenas concebi a idéia de traduzir na nossa língua e de dar ao prelo as *Cartas chilenas*, logo assentei comigo que V. Ex^{as} haviam-de ser os Mecenas a quem as dedicasse. São V. Ex^{as} aqueles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas: são por isso aqueles a quem se devem consagrar todos os escritos que os podem conduzir ao fim de um acertado governo.

Dois são os meios porque nos instruímos: um, quando vemos ações gloriosas, que nos despertam o desejo da imitação; outro, quando vemos ações indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são eficazes: esta a razão por que os teatros, instituídos para a instrução dos cidadãos, umas vezes nos representam a um herói cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a um monstro, coberto de horrorosos vícios.

Entendo que V. Ex^{as} se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruírem pelo primeiro, têm V. Ex^{as} os louváveis exemplos de seus ilustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse descobrir o Fanfarrão Minésio¹, em um reino estranho! Feliz reino e felices grandes que não têm em si um modelo destes!

Peço a V. Ex^{as} que recebam e protejam estas *Cartas*. Quando não mereçam a sua proteção pela eloquência com que estão escritas, sempre a merecem pela sã doutrina que respiram e pelo louvável fim com que talvez as escreveu o seu autor Critilo.

Beija as mãos
De V. Ex^{as}
O seu menor criado...

PRÓLOGO

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas chilenas*, que são um artificioso compêndio das desordens que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.

Logo que li estas *Cartas*, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio, pela simplicidade do

seu estilo, como, também, pelo benefício que resulta ao público, de se verem satirizadas as insôlências deste chefe, para emenda dos mais que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.

Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, has-de conhecer a suma dificuldade que há na tradução em verso. Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

... Quid rides? mutato nomine, de te
Fabula narratur...
HORÁCIO *Sat. I*, versos 69 e 70.

CARTAS CHILENAS

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTEU OS FATOS DE FANFARRÃO MINÉSIO, GOVERNADOR DE CHILE

CARTA PRIMEIRA

Em que se descreve a entrada que fez fanfarrão em Chile

Amigo Doroteu, prezado amigo,
abre os olhos, boceja, estende os braços
e limpa das pestanas carregadas
o pegajoso humor, que o sono ajunta.
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
ergue a cabeça da engomada fronha,
acorda, se ouvir queres coisas raras.
[...]

Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;
não falta tempo em que do sono gozes:
[...]

Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
por verdadeira história uma novela
da classe das patranhas, que nos contam
verbosos navegantes, que já deram
ao globo deste mundo volta inteira.
Uma velha madrastra me persiga,
uma mulher zelosa me atormente
e tenha um bando de gatunos filhos,
que um chavo não me deixem, se este chefe
não fez ainda mais do que eu refiro.
Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
da sorte que o topei a vez primeira;
nem esta digressão motiva tédio

como aquelas que são dos fins alheias,
que o gesto, mais o traje, nas pessoas
faz o mesmo que fazem os letrados
nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
que dão do que eles tratam boa ideia.

Tem pesado semblante, a cor é baça,
o corpo de estatura um tanto esbelta,
feições compridas e olhadura feia;
tem grossas sobrancelhas, testa curta,
nariz direito e grande, fala pouco
em rouco, baixo som de mau falsete;
sem ser velho, já tem cabelo ruço,
e cobre este defeito e fria calva
à força de polvilho, que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
no gordo rocinante escarranchado,
as longas calças pelo embigo atadas,
amarelo colete, e sobre tudo
vestida uma vermelha e justa farda.
[...]

1. Fanfarrão: fanfarone, millantatore.

DEDICA AI GRANDI DEL PORTOGALLO

Illustrissimi e Egregi Signori.

Appena concepì l'idea di tradurre nella nostra lingua e di dare alle stampe le *Lettere cilenne*, subito stabilii che V. E. dovevano essere i Mecenati a cui dedicarle. Sono V. E. coloro a cui i nostri sovrani sono soliti affidare i governi delle nostre conquiste: sono, per questo, coloro ai quali si devono dedicare tutti gli scritti che li possono guidare a portare a termine un giusto governo.

Due sono i mezzi attraverso i quali ci istruiamo: uno, quando vediamo azioni gloriose, che ci fanno nascere il desiderio di imitazione; l'altro, quando vediamo azioni indegne, che ci provocano ripugnanza. Entrambi questi mezzi sono efficaci: questa è la ragione per cui i teatri, istituiti per l'istruzione dei cittadini, alcune volte rappresentano un eroe pieno di virtù e altre volte rappresentano un mostro, ricoperto di vizi tremendi.

Capisco che V. E. desidereranno istruirsi in un modo e nell'altro. Per istruirsi nel primo modo, V. E. hanno i lodevoli esempi dei loro illustri progenitori. Per istruirsi nel secondo modo, era necessario che andassi a scoprire il Fanfarrão Minésio, in un regno straniero! Felice regno e felici i grandi che non hanno per sé un modello di questi!

Chiedo a V. E. che ricevano e proteggano queste *Lettere*. Se non meritano la vostra protezione per l'eloquenza con cui sono scritte, sempre la meritano per la sincera dottrina che respirano e per il lodevole fine con cui forse le scrisse il suo autore Critilo.

Bacia le mani
Delle V. E.,
Il vostro più umile servitore...

PROLOGO

Amico lettore, approdò in un sicuro porto del Brasile, dove vivevo, un galeone, che veniva dalle Americhe spagnole. Su di esso viaggiava un giovane, cavaliere istruito nelle umane lettere. Non mi fu difficile stringere con lui una forte amicizia e giunse ad affidarmi i manoscritti che portava con sé. Tra questi trovai le *Lettere cilene*, che sono un artificioso compendio dei disordini che fece nel suo governo Fanfarrão Minésio, generale del Cile.

Non appena lessi queste *Lettere*, decisi che le dovevo tradurre nella nostra lingua, non solo perché le giudicai meritevoli di quest'attenzione per la semplicità del loro stile, ma anche per il beneficio che porta al pubblico il vedere satirizzate le insolenze di questo capo, per emenda degli altri che seguono tanto vergognosi esempi.

Un D. Quixote può liberare dal mondo le pazzie dei cavalieri erranti; un Fanfarrão Minésio può altresì correggere il disordine di un governatore dispotico.

Cambiai alcune cose meno interessanti per avvicinarle di più al nostro gusto. Ti chiedo di scusarmi di alcune mancanze, ma, se sei colto, conoscerai di certo la grande difficoltà che vi è nella traduzione in verso. Leggi, divertiti e non dare giudizi azzardati sulla persona di Fanfarrão. Vi sono molti fanfaroni a questo mondo e forse anche tu sei uno di loro ecc.

... *Quid rides? mutato nomine, de te
Fabula narratur...*

ORAZIO *Sat. I*, versi 69 e 70.

LETTERE CILENE IN CUI IL POETA CRITILLO RACCONTA A DOROTEU I FATTI DI FANFARRÃO MINÉSIO, GOVERNATORE DEL CILE

LETTERA PRIMA

In cui si descrive l'entrata di Fanfarrão in Cile

Amico Doroteu, caro amico,
Apri gli occhi, sbadiglia, stendi le braccia
e pulisci dalle ciglia pesanti
l'appiccicoso umore, che il sonno accresce.
Critilo, il tuo Critilo è colui che ti chiama;
alza la testa dalla federa stirata,
svegliati, se vuoi udire cose rare.
[...]

Ma, Doroteu, non dispiacerti di svegliarti;
non manca tempo in cui del sonno godi:
[...]

Non pensi, Doroteu, che ti racconterò
come storia vera un'invenzione
della qualità delle bugie che ci raccontano

prolissi naviganti, che hanno già fatto
 del globo di questo mondo il giro intero.
 Una vecchia matrigna mi insegue,
 una donna zelante mi tormenti
 e abbia una banda di figli ladri,
 che un centesimo non mi lascino, se questo capo
 non fece ancora di più di quello che riferisco.
 Ora dunque, dolce amico, lo raffigurerò
 nel modo in cui lo incontrai la prima volta;
 e senza che questa digressione causi noia
 come quelle che sono dai fini distanti,
 che l'aspetto, oltre all'abito, nelle persone
 fa lo stesso che fanno le scritte
 nelle copertine adornate dei libricini,
 che danno di quel che trattano una buona idea.

Ha un viso rude, il colorito è spento,
 il corpo abbastanza snello,
 tratti allungati e sguardo brutto;
 ha grosse sopracciglia, testa piccola,
 naso diritto e grande, parla poco
 con tono rauco, basso di grave falsetto;
 senza esser vecchio, ha già i capelli grigiastri,
 e copre questo difetto e fredda calvizie
 a forza di polvere che gli stende sopra.
 Ancora mi sembra di vederlo
 sul grasso ronzino, a cavalcioni,
 i lunghi calzoni all'ombelico allacciati,
 panciotto giallo e sopra tutto
 una rossa e giusta uniforme.
 [...]